

BREJO DAS DELÍCIAS: IMAGENS DA NATUREZA ARTIFICIALIZADA

Giselle Beiguelman

Resumo: *Brejo das delícias* faz uma incursão na história do Parque Ibirapuera, a partir de uma pesquisa das espécies nativas, anteriores à sua urbanização. Com base em estudos botânicos da flora paulistana, foram identificadas cerca de 50 espécies que habitavam sua área originalmente alagadiça. Inspiradas em ilustrações botânicas, as criaturas aqui apresentadas foram feitas com Inteligência Artificial, fundindo as espécies originárias em novos seres vegetais. Dessa forma, abordam também a diversidade das imagens técnicas que povoam nossas noções de natureza e paisagem.

Palavras-chave: Arte botânica. Inteligência Artificial. Arte e natureza. Paisagem. Ibirapuera.

MARSH OF DELIGHTS: IMAGES OF ARTIFICIALIZED NATURE

Abstract: *Marsh of Delights* delves into the history of Ibirapuera Park based on a study of native species before urbanization. Drawing from botanical studies of São Paulo's flora, approximately 50 species originally inhabited its marshy area have been identified. Inspired by botanical illustrations, the creatures presented here have been created using Artificial Intelligence. They also explore the diversity of technical images that populate our notions of nature and landscape.

Keywords: Botanical art. Artificial Intelligence. Art and nature. Landscape. Ibirapuera.

















Ela colhia margaridas.
quando eu passei. As margaridas eram
os corações de seus namorados,
que depois se transformaram em ostras [...]

Carlos Drummond de Andrade, "*Registro civil*",
em *Brejo das almas*, 1934.

Brejo das delícias faz uma incursão na história do Parque Ibirapuera a partir de uma pesquisa das espécies nativas, anteriores à sua urbanização. Com base em estudos botânicos da flora paulistana, foram identificadas cerca de 50 espécies que habitavam sua área originalmente alagadiça (Usteri, 1911; Lima, 2021). Presente no seu nome (Ibirapuera é "árvore apodrecida" em tupi-guarani), essa memória vegetal do parque foi apagada ao longo dos séculos, sendo a construção do Parque propriamente dito, nos anos 1950, o enterro definitivo de sua morfologia varzeana.

Definido em vários sites turísticos como o "pulmão verde" da cidade de São Paulo, o Ibirapuera se confunde no imaginário coletivo como uma espécie de contraponto da natureza à "selva de concreto", como se não fosse ele mesmo produto da razão científica e das técnicas de domesticação do território. Sonho de consumo de uma elite ilustrada que procurou conjugar arte, urbanismo e espaço público com uma miragem da identidade paulista (Marins, 1999), o Parque Ibirapuera é também documento de cultura e, como tal, como já aprendemos com Walter Benjamin, documento de barbárie das violências que o produziram socialmente.

Essas violências remetem à expropriação dos indígenas que habitaram essa área, à operação de drenagem dos seus brejos, que levou consigo suas plantas nativas, e particularmente, à favela que lá se instalou e cresceu até que fosse delimitado o perímetro em que o modernismo brasileiro projetou suas utopias de cidade e futuro. A "missão civilizatória" da construção do Parque, em meio às comemorações do IV Centenário de São Paulo, sobrepõe-se assim às parcas referências à comunidade que ali vivia, como foram dali retirados



em direção ao bairro Canindé (Barone, 2007), e menos menções, ainda, ao cemitério de animais que existia no local e do qual ainda restam dois túmulos nas cercanias do seu portão 5 (Nascimento, 2015).

Difícil não concordar aqui com Philippe Descola (2016, p. 9) quando afirma que a operação de clivagem entre natureza e cultura, que se dá com a modernidade, institui uma diferença fundamental entre os humanos, como aqueles que têm direitos, e os não-humanos, seres naturais ou artificiais, que não têm direitos por si mesmos. Vale lembrar, no entanto, que humanos, nesse tipo de pensamento, não são uma espécie genérica. É aos humanos brancos europeus, que ocupam uma espécie de clímax da evolução das espécies, que são reservados os direitos plenos, calibrados pelo discurso científico que domina o século XIX e início do XX (Schwarcz, 1993). E é à imagem e semelhança desses humanos que a natureza é inventada pela História Natural, num processo taxonômico, que se inicia na botânica clássica, e legitima todas as formas de crueldade, do escravismo à eugenia (Beiguelman, 2022 p. 9-16).

A força desse imaginário está longe de ser uma questão da historiografia da ciência. Ela está no centro de gravidade da ideia de jardim e é amplificada nos parques (Albuquerque, 2020), como lugares de confinamento de uma natureza que, “culturalizada”, se transforma em paisagismo, expulsando as plantas nativas e as substituindo por espécies supostamente mais nobres e importadas (Cardim, 2022 p. 17-27).

Sem ceder à nostalgia de um passado harmônico que nunca tivemos, *Brejo das delícias* joga com os fantasmas de suas plantas desterradas, em imagens tão ou mais fabricadas que as do marcante paisagismo que lhe deu sua identidade moderna. Na contramão da tendência de utilizar Inteligência Artificial para produzir *deepfakes* mais reais do que o real, acredito que a potência das IAs está na sua possibilidade de implodir os binarismos que calibram as oposições entre natureza e cultura, fugindo da ambição de projetar nelas versões melhoradas de nós mesmos, em um movimento de upgrade antropocêntrico.



Inspiradas em ilustrações botânicas e em *ReWildAR*, da artista Tomiko Thiel (2021), as criaturas de *Brejo das delícias* fazem uma dupla citação: ao livro *Brejo das almas* (1934), de Carlos Drummond de Andrade, e a um dos mais oníricos quadros da história, *O jardim das delícias*, de Hieronymus Bosch (1450-1516), onde tudo é tão natureza quanto cultura.

Feitas com Inteligência Artificial, as imagens de *Brejo das delícias* fundem as espécies originárias em novos seres vegetais, que ganham vida por meio de recursos de Realidade Aumentada. Elas estão divididas em sete séries de sete imagens cada, e são visualizadas em sete painéis virtuais de 70 cm cada, seguindo um princípio cabalístico, onde o número 7 é o número da criação.

As imagens são elaboradas com métodos de "tradução" de texto para imagem (*Natural Language Processing*) e de imagem para imagem (*image-to-image*), utilizando os modelos DALLE-2, Stable Diffusion e Runway ML, em longas operações. Os textos (*prompts*), que desencadeiam seus processos de construção, combinam informações sobre a flora nativa local, mobilizando as 50 espécies pesquisadas. Há séries que hibridizam plantas e outras que são feitas com combinações de vários artistas botânicos dos séculos XVII ao XX e também da pintura naturalistas dos viajantes do século XIX.

Não há qualquer compromisso com fidelidade, muito embora o quadro geral seja assentado numa releitura das invenções da paisagem pela História Natural, em suas mais variadas vertentes, e nas plantas listadas na pesquisa. Nos seus processos de abstração, abordam também as formas pelas quais as imagens técnicas (sejam elas científicas ou experimentações artísticas), povoam nossas noções de natureza e paisagem, aspirando futuros mais híbridos e menos demasiadamente humanos.



LEGENDAS DAS IMAGENS

P. 172: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Bromelívoras*], 2023. Imagem criada com Inteligência Artificial a partir do cruzamento da bromélia-Gravatá com a planta insetívora *Drosera communis*. Acervo pessoal da artista.

P. 173: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Centela veludinho*], 2023. Imagem criada com Inteligência Artificial a partir do cruzamento de Centela asiática com veludinho-rasteiro. Acervo pessoal da artista.

P. 174: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Flor de São Ipetuaba*], 2023. Imagem criada com Inteligência Artificial a partir do cruzamento da flor de catuaba com Ipê e flor-de-São-João. Acervo pessoal da artista.

P. 175: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Uvinha de Poaya*], 2023. Imagem criada com Inteligência Artificial a partir do cruzamento de Uvinha-do-mato com Poaya-de-São-Paulo. Acervo pessoal da artista.

P. 176: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Haeckel-Graham-North*], 2023. Vista do Ibirapuera criada com Inteligência Artificial com referências a Ernst Haeckel, Maria Graham e Marianne North. Acervo pessoal da artista.

P. 177: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Série *Viajantes*], 2023. Vista do Ibirapuera criada com Inteligência Artificial com referências a Jean-Baptiste Debret, Karl Friedrich Philipp von Martius, Johann Moritz Rugendas e José Joaquim Freire. Acervo pessoal da artista.

P. 178: Giselle Beiguelman – *Brejo das delícias* [Imagem da série *Burle-Rodrigues-Atkins*], 2023. Vista do Ibirapuera criada com Inteligência Artificial com referências a Roberto Burle-Marx, João Barbosa Rodrigues e Anna Atkins. Acervo pessoal da artista.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. Parques urbanos. Transformações e permanências ao longo da história. **Arquitextos**, São Paulo, ano 21, n. 247.03, Vitruvius, dez. 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7960>.
- ANDRADE, Drummond de, Carlos. **Brejo das almas**. São Paulo: Os amigos do livro, 1934.
- BARONE, A. C. C. **Ibirapuera**: parque metropolitano (1926-1954). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p9wt3sw>.
- BEIGUELMAN, G. Botannica Tirannica: da genealogia do preconceito às possibilidades de um ecossistema errante. **ClimaCom Cultura Científica**, v. 9, n. 23, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/3ppuf556>.
- CARDIM, R. **Paisagismo sustentável para o Brasil**: integrando natureza e humanidade no século XXI. São Paulo: Olhares, 2022.
- DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. Tradução: Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016.
- FERDINAND, M. **Decolonial Ecology**: Thinking from the Caribbean World. Tradução: Anthony Paul Smith. Cambridge: Polity Press, 2022.
- LIMA, M. O. DE. **A construção coletiva da paisagem do Parque Ibirapuera**. TFG em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.
- MARINS, P. C. G. O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, v. 6, n. 1, p. 9–36, 1999. Disponível em: <https://tinyurl.com/6neytury>.
- NASCIMENTO, D. **Hospital e Cemitério de Animais no Ibirapuera » São Paulo Antiga**. **São Paulo Antiga**, 8 dez. 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/3avd2y4t>.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



USTERI, A. *Flora der umgebung der stadt Sao Paulo in Brasilien*. Jena: G. Fischer, 1911.

Giselle Beiguelman é artista e professora da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo. Em seus projetos recentes investiga a construção do imaginário colonialista das artes e das ciências com recursos de Inteligência Artificial, com destaque para *Botannica Tirannica* (Museu Judaico de São Paulo, 2022). É autora de *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera* (UBU Editora, 2021) e *Memória da amnésia: políticas do esquecimento* (Edições Sesc, 2019), entre outros. Suas obras artísticas integram acervos de museus no Brasil e no exterior, como ZKM (Alemanha), Jewish Museum Berlin, MAC-USP e Pinacoteca de São Paulo. Site pessoal: desvirtual.com.

